

O REVERSO DA MEDALHA: MACHADO DE ASSIS PENSADOR SOCIAL

THE OTHER SIDE OF THE MEDAL: MACHADO DE ASSIS AS A SOCIAL
THINKER

Patrícia Olsen de SOUZA

Mestre e doutoranda em Sociologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da FCLAR UNESP/Araraquara-SP, e-mail: patriciaolsenunesp@yahoo.com.br

RESUMO: Este artigo pretende discutir como Machado de Assis revela em sua literatura algumas sutilezas da sociedade brasileira do final do século XIX. Por meio de sua construção literária, o autor, ao desnudar o comportamento humano, deixa entrever traços característicos de nossa sociedade como a distinção entre “indivíduo” e “pessoas”, o culto da forma e o patrimonialismo presente na vida pública. Nesse sentido, Machado nos leva a refletir sobre traços comportamentais de nossa sociedade que deitam raiz em seu passado e se prolongam no tempo, colorindo a nossa vida social e fazendo-se presente em nosso cotidiano.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis, Brasil, hipocrisia, dissimulação, notoriedade pública, relações sociais.

ABSTRACT: This article aims at discussing how Machado de Assis intends to reveal through his literature some subtleness in Brazilian society about at the end of the 19th century. Through his literature building the author undress the human behavior, showing – perspicaciously – characteristic traces of our society like the distinction between “individual” and “persons”, the form veneration and the Patrimonialism that is present in public life. Therefore, Machado makes us think about behavior traces of our society that roots in our past and continues along time, coloring our social life and being present in our quotidian.

KEY-WORDS: Machado de Assis, Brazil, hypocrisy, dissimulation, public mindshare, social relations.

Coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto (...)
Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.
Machado de Assis (2003, p. 172)

Introdução

A literatura converte-se, não raramente, em uma aguçada reflexão sobre a vida social, contribuindo para o desnudamento das complexas tramas que se expressam por meio das relações sociais. Algumas dessas tramas escondem interesses inconfessáveis, mas aparentemente nobres, outras deixam entrever o movimento da História com suas sutis armadilhas, as quais acabam por configurar não somente o presente, mas, sobretudo, um eventual fluxo dos acontecimentos futuros. Não são raros os exemplos de autores que, a despeito de não usarem categorias científicas, tecem reflexões que nos levam a questionar o mundo em que vivemos a partir de ficções embebidas na mais pura observação dos fenômenos sociais.

Victor Hugo, em sua obra prima **Os miseráveis**, leva os leitores ao universo dos tenos combates entre monarquistas e republicanos franceses travados em meados do século XIX, sem deixar de abordar de forma bela e também sagaz os sortilégios sofridos pelos mais pobres. Denuncia, dessa forma, uma sociedade que cria e alimenta as suas próprias intempéries na figura das crianças de rua, dos bandidos, dos famintos, das prostitutas, dos inocentes e também dos hipócritas e dos poderosos.

Em tom diverso, mas não menos esclarecedor – fugindo de qualquer preceito pragmático ou mesmo do objetivo de denúncia social eventualmente presente em Victor Hugo – Machado de Assis realiza no conjunto de sua obra uma importante reflexão sobre o homem e a sociedade brasileira do século XIX. Com sua fina ironia, seu olhar pessimista e cético, Machado permeia os meandros das relações sociais, mostrando a hipocrisia, fugacidade e superficialidade, desnudando a partir das pequenas manifestações cotidianas um homem dotado de intenções mesquinhas e egoístas.

Diversos autores apontaram em Machado de Assis não somente um literato, mas também um pensador que se debruçou sobre a sociedade e elaborou,

em certo sentido, um pensamento filosófico – não como um sistema fechado, mas como uma visão de mundo (COUTINHO, 1956) e (REALE, 1982). Outros realizaram biografias de Machado ricas em dados (PEREIRA, 1936), mas que pecam por especularem demasiadamente a respeito das razões pessoais que teriam levado Machado a dissecar a sociedade e o homem de forma tão peculiar. O objetivo deste artigo não é fazer um balanço crítico dos diversos autores que estudaram Machado, nem tecer uma crítica sobre a obra literária do autor, mas somente refletir sobre a importância de sua obra para a compreensão de algumas sutilezas da sociedade brasileira do final do século XIX.

Humanitas: do geral ao particular

É consenso na bibliografia sobre Machado de Assis o reconhecimento de um pensador pessimista e descrente da natureza humana, daí a ironia com que ele trata o homem e o desprezo que nutre pela sociedade e suas convenções. Este traço foi apontado por Coutinho (1956) como o resultado de uma experiência de vida singular – a origem humilde, a mestiçagem, a doença – somada a influência que a filosofia de Pascal exerceu sobre seu pensamento. Deixando as possíveis causas à parte, é mister afirmar que a obra de Machado exprime uma atmosfera pessimista e cética. E é por meio dessa lente universal – pois se trata de um olhar sobre o gênero humano – que o autor, ao realizar sua obra literária, lança luz sobre as particularidades da sociedade em que viveu.

Os traços filosóficos presentes na obra do escritor são expressivos de sua visão de mundo sobre o homem e ao mesmo tempo alimentam o analista da sociedade brasileira do final do século XIX. A falta de simpatia pelo gênero humano, expressa na obra do escritor, ganha particularidade em sua ficção, apresentando-se na narrativa por meio da indiferença com a qual o autor trata as relações tecidas na sociedade brasileira. Indiferença em relação ao homem e a sua História, mas uma indiferença que ganha cores e personalidade na análise do homem brasileiro da segunda metade do século XIX. Machado revela isso por meio da construção de seus personagens, quase todos ridículos (como Brás Cubas), dissimulados (como Capitu) ou loucos como (Quincas Borba e Simão Bacamarte). Tais personagens representam uma humanidade que não vale a pena, da qual Machado zomba com sua peculiar ironia.

O desprezo que o escritor nutre pela humanidade e por sua História foi representado de forma exemplar em uma passagem de **Memórias póstumas**

de Brás Cubas, no capítulo “O delírio”. Nessa passagem, Brás Cubas, em seu momento derradeiro, visita a origem dos séculos e vislumbra a História da humanidade. Machado de Assis, em tom sarcástico, revela nessa passagem sua “perspectiva”¹ filosófica da História humana. Nela, Brás Cubas encontra a natureza que é “mãe e inimiga”, mas de uma inimizade que não mata, ao contrário, afirma-se pela vida, dizendo-lhe: “Vives; não quero outro flagelo” (ASSIS, 2003, p. 16). Ou seja, a vida (mãe) é também um constante flagelo (inimiga), ela é algo insano, portanto, absurda.

Essa representação da natureza sugere como na visão machadiana a vida aparece destituída de sentido, mostrando-se a Brás Cubas, no transcorrer dos séculos, como um espetáculo de sucessivas lutas vãs. Uma constante luta pela vida, travada por um instinto egoísta de conservação, no qual os séculos aparecem como um rápido e monótono movimento de repetição de misérias e flagelos, ilustrados pela evocação dos episódios mais sórdidos que marcaram a presença do homem no planeta: as diversas guerras, a miséria e a fome.

Um ser desventurado, cuja existência se deve a meros caprichos da natureza, perseguindo uma vida de flagelos pelo simples instinto de conservação, revela, aos olhos do escritor, inteligibilidade e sandice. Esse ser só poderia criar um mundo social de aparências e superficialidades, pois a sua própria natureza é incompreensível, uma tragédia sem sentido. Há na obra de Machado umnexo entre o geral (sua visão filosófica do homem) e o particular (sua análise da sociedade brasileira). Esse nexose articula em sua narrativa por meio do desnudamento das hipocrisias e misérias presentes nas relações sociais travadas pelos homens brasileiros do final do século XIX, conforme veremos adiante.

O sistema filosófico de Quincas Borba, o “humanitismo”, ilustra essa ligação entre a essência do homem e tudo que dela deriva (sua História e sua sociedade): “Humanitas [...] o princípio de todas as coisas, não é outro senão o mesmo homem repartido por todos os homens” (ASSIS, 2003, p. 139). O princípio, a natureza humana, que não é outro senão a luta pela vida, divide-se por todos os homens e se expande em sua sociedade. É o mesmo princípio (a conservação da vida) que gera ao mesmo tempo as alegrias e os desconsertos da

¹ O termo “perspectiva”, na acepção aqui usada, foi cunhado por Karl Mannheim para designar a visão de mundo particular de um pensador. A perspectiva de um intelectual é apresentada por Mannheim não somente como o resultado de um esforço particular para compreender o mundo, mas como um resultado que contempla as inúmeras influências que formam seu pensamento. Dessa forma, a visão de mundo de um autor – sua perspectiva – reflete os embates e diálogos de seu tempo e expressa a visão de grupos intelectuais com os quais o autor dialogou ou dos quais tenha participado (MANNHEIM, 1968). Mannheim não é o único e sequer o primeiro a usar a expressão, que tem usos na fenomenologia com Husserl e na filosofia da existência de Heidegger.

aventura humana, ambos seriam manifestações de “humanitas” em seu constante movimento de conservação:

Reorganizada a sociedade pelo método dele [a filosofia de Quincas Borba], nem por isso ficavam eliminadas a guerra, a insurreição, o simples murro, a facada anônima, a miséria, a fome, as doenças; mas sendo esses supostos flagelos verdadeiros equívocos do entendimento, porque não passariam de movimentos externos da substância interior, destinados a não influir sobre o homem, senão como simples quebra da monotonia universal, claro estava que a sua existência não impediria a felicidade humana (ASSIS, 2003, p. 141-2).

O analista social

O ser humano, dotado de uma existência ininteligível, adquire sentido na análise que o autor realiza sobre os meandros da vida cotidiana, como destaca lucidamente Raymundo Faoro, para quem o literato “acentua e destaca o fenômeno singular em prejuízo da organização social, da estrutura política e das coordenadas supra-individuais” (FAORO, 1988, p. 165). Mas é o fenômeno singular, por sua vez, que desvenda o “teatro de sombras” característico das relações sociais de um momento específico da sociedade brasileira: o da transição da sociedade patriarcal para a sociedade de classes. Ao privilegiar a narração focada no homem e não na estrutura social, o autor revela a hipocrisia, a superficialidade e a dissimulação manifesta nas relações sociais do Brasil do final do século XIX.

Esse aspecto fica claro em seu conto “Teoria do medalhão”. Essencialmente, o conto versa sobre um pai aconselhando o filho sobre como em seu futuro ser “grande e ilustre, ou pelo menos notável” (ASSIS, 1988, p. 30); o rebento deveria fugir à obscuridade e para semelhante fim deveria ser “medalhão”, ofício compatível com qualquer outro. O ofício de medalhão – “a arte difícil de pensar o pensado” (ASSIS, 1988, p. 31) – requereria um esforço para ser superficial, fugir a originalidade ou a qualquer forma de manifestação do pensamento, utilizando-se de fórmulas prontas e agradáveis ao senso comum. Dessa forma seria possível moldar-se às exigências da sociedade, não se contrapondo a nenhuma parte e obtendo a aceitação geral.

Some-se a esse fato a propaganda de si mesmo, no intuito cordial de manifestar sentimentos por meio da troca de favores e louvores entre os

homens, e estaria lapidado o verdadeiro “medalhão”. Atingido o objetivo, o ‘medalhão’ poderia regozijar-se, pois “[...] acabou-se a necessidade de farejar ocasiões, comissões, irmandades; elas virão ter contigo, com o seu ar pesado e cru de substantivos desadjetivados, e tu serás o adjetivo dessas orações opacas” (ASSIS, 1988, p. 33).

Roberto Da Matta (1981), em seu ensaio sobre a distinção entre indivíduo e pessoa no Brasil, fornece elementos interessantes para a discussão desse conto de Machado. Para Da Matta uma das principais características da sociedade brasileira é a existência de uma hierarquização (negada, oculta, mas sempre praticada) baseada em critérios pessoais – valores, intimidade, consideração, favor, respeito – justaposta aos critérios econômicos tipicamente burgueses como o mérito (DA MATTA, 1981, p. 141-3). Nesse registro, o Brasil é uma sociedade na qual a “pessoa” – notória, distinta e reconhecida pelos laços pessoais que lhe abrem as mais variadas portas no convívio social – e não o “indivíduo” – impessoal, igual aos demais e reconhecido pelo mérito – é valorizado socialmente (DA MATTA, 1981, p. 150-151).

Essa característica, segundo o autor, tem raízes em uma ordem social patrimonialista (associada às suas origens ibéricas) e escravista (na qual o trabalho é degradante) e na qual a figura do homem livre encontra seu lugar social na prática do favor e no exercício da cultura ornamental – valorizada em uma sociedade dominada pelo convencionalismo. Ora, nessa formação social o “medalhão”, “pessoa” por excelência, tem seu lugar ideal, como aponta Da Matta (1981, p. 157-9).

O ofício de “medalhão” nada mais é que o esforço de moldar-se às exigências de uma sociedade hierarquizada por critérios pessoais, visando integrar-se a ela e às suas instituições de modo privilegiado, como “pessoa” e não como “indivíduo”. Esse esforço exige hipocrisia e dissimulação, pois nele é preciso cultivar a forma e abster-se do conteúdo: “Fórmula indicada para a obtenção do sucesso num mundo social dominado pelo convencionalismo, pela ortodoxia das teorias e doutrinas, pela rigidez das práticas jurídicas, pelo modismo e conformismo que impedem as soluções originais e profundas” (DA MATTA, 1981, p. 157).

Ampliando essa interpretação, podemos conceber a hipocrisia e a dissimulação peculiar aos personagens machadianos como uma forma do autor expressar literariamente os traços característicos de nossa sociabilidade apontados por Da Matta. Ainda, é possível compreender a refinada percepção

de Machado sobre as relações entre as instituições sociais e os indivíduos na sociedade brasileira do Segundo Reinado: as instituições sociais “as orações opacas” – porque representam as esferas da vida social que deveriam ser ocupadas pelo “indivíduo” – só podem ser “adjetivadas” (preenchidas) pelo “medalhão” – porque é a “pessoa” e não o “indivíduo” que exerce esse papel na sociedade brasileira.

O “medalhão” lapidado é a “pessoa”, “São os que já transcenderam as regras que constroem as pessoas comuns daquela esfera social. É alguém que não precisa mais ser apresentado e com quem se deve primeiro falar” (DA MATTA, 1981, p. 159). Tornar-se “medalhão” significa, portanto, alcançar a notoriedade pública – principal ambição dos homens em uma sociedade que privilegia a “pessoa”. Essa ambição foi registrada de forma magistral por Machado de Assis, manifestando-se exemplarmente em **Memórias póstumas de Brás Cubas**.

Brás Cubas revela de seu leito mortuário a verdadeira causa de seu falecimento – não ter obtido êxito na realização de seu “emplasto Brás Cubas” –, o qual estaria “destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade” (ASSIS, 2003, p. 9). Uma causa deveras nobre, mas, confessa-o o defunto: “[...] minha idéia trazia duas faces, como as medalhas, uma virada para o público, outra para mim. De um lado, filantropia e lucro; de outro lado, sede de nomeada. Digamos: amor da glória” (ASSIS, 2003, p. 9).

Na obra de Machado a hipocrisia e a dissimulação presentes na sociedade brasileira se expressam principalmente no desnudamento das supostas boas intenções de seus personagens. A metáfora da medalha, utilizada por Brás Cubas para exemplificar o duplo sentido de sua ação, e a qual também dá título ao conto acima citado (“Teoria do medalhão”), revela a ambigüidade do brasileiro, de suas instituições e relações sociais; ambigüidade expressa por intenções egoístas que se ocultam sobre a capa de filantropia, caridade, amor, bem público, etc. É a “pessoa” que tenta se ocultar no “indivíduo”.

A medalha pode ser compreendida, ainda, como metáfora singular das relações sociais travadas no Brasil do final do século XIX. Suas duas faces, uma virada para o público e outra para o indivíduo, traduz a ambigüidade por meio da qual se desenrola a trama da vida social. Trama brasileira, no sentido mais profundo do termo, pois expressa o trânsito entre a ordem e a desordem apontado por Antônio Candido (1972) como característica peculiar de uma cultura malandra.

Em seu estudo sobre as **Memórias de um sargento de milícias** de Manuel Antônio de Almeida (1997), Cândido desenvolve a ideia da “dialética da malandragem” como chave explicativa de uma das facetas das relações sociais do Brasil. A “dialética da malandragem” se realiza por meio de um trânsito constante entre os hemisférios da ordem (pólo positivo das leis, da correção, da regra e das normas estabelecidas) e da desordem (pólo negativo da burla à lei, da exceção) que compõem da sociedade. Se Cândido (1972, p. 71) caracteriza Leonardo Pataca (personagem central do livro de Manuel Antônio de Almeida) como o “primeiro grande malandro que entra na novelística brasileira” – malandro que seria consagrado como elemento típico da cultura nacional por Mário de Andrade em **Macunaíma** –, não seria estranho reconhecer na figura da medalha, utilizada por Machado, a expressão desse traço da cultura brasileira.

A malandragem pode não estar especificamente retratada em nenhum personagem machadiano, no entanto, a representação da medalha, analisada pela ótica que propôs Cândido (1972), exprime a ambiguidade do trânsito entre a ordem e a desordem.

O “emplasto Brás Cubas” foi destinado a aliviar as dores da humanidade somente para ocultar a sede de notoriedade pública do personagem. Sua “sede de nomeada” pode ser compreendida como situada no hemisfério da desordem, da burla – porque puramente pessoal, por isso ocultada – e dissimulada pela boa intenção de aliviar as dores da humanidade – essa situada no campo da ordem, da regra. E o mecanismo de dissimulação das intenções ocultas pode representar a forma típica de ação em uma sociedade hierarquizada por critérios pessoais, mas que os nega, transfigurando-os em caracteres legais e impessoais puramente abstratos, uma vez que atuam como veículo para a realização da “pessoa” por meio da prática do favor.

“*Tutto del mondo è burla*” – diz o ditado italiano utilizado por Cândido (1972, p. 82) para exprimir o significado do trânsito entre ordem e desordem. Ora, o emplasto Brás Cubas não passa de burla; burla que é uma forma de adaptação entre a ordem (os interesses públicos) e a desordem (os interesses pessoais) em um universo social que se caracteriza pelo jogo de ambiguidades e dissimulações. Nesse sentido, o ofício de “medalhão” também não passa de burla, pois uma vez tornada “medalhão” a “pessoa” pode transitar tranquilamente por todos os espaços da vida social, pois não está mais sujeita às regras.

O olhar machadiano nos dá, portanto, elementos para compreendermos, ou refletirmos a respeito, de alguns aspectos essenciais à cultura brasileira

que caracterizam as especificidades das relações sociais nela travadas. A lente machadiana nos permite vislumbrar, ainda, outra faceta da formação social brasileira: o patrimonialismo preponderante no Brasil do século XIX. Uma sociedade sob um regime monárquico decadente, na qual a busca por títulos de nobreza e a ausência de uma ocupação real (leia-se trabalho produtivo) expressa a superficialidade do ser humano, a busca do adorno e da forma. Nesse contexto a vida pública, em especial a carreira política, é perseguida no intuito da satisfação de necessidades pessoais – “o amor da glória” – (devendo, por isso, ser ocultada) e não em nome do bem comum ou de algum ideal coletivo superior às paixões pessoais e interesses particularistas.

A obra de Machado revela os meandros do patrimonialismo brasileiro ao clarificar a promiscuidade entre a vida pública e a particular; sendo as razões da primeira (aparentemente nobres) subordinadas às da segunda (egoístas e mesquinhas porque puramente pessoais). A forma como o autor apresenta em sua construção literária uma das facetas mais emblemáticas da sociedade brasileira torna-se compreensível quando confrontada à análise da estrutura histórico-social brasileira do final do século XIX.

Esse mundo social ‘descrito’ pelo literato particulariza-se pela coexistência de dois tipos de relações sociais: estamentos e classes. No seio do Brasil patriarcal e escravocrata formava-se o embrião da sociedade de classes burguesa, nesse contexto, a burguesia nascente buscava afirmação social e notoriedade tentando mesclar-se ao estamento (social e politicamente dominante no regime monárquico do final do século XIX). A busca de notoriedade dos que têm recursos econômicos, mas não têm ‘berço’ (e, portanto, não são “pessoa”) e a própria perseguição dos melhores postos na carreira pública pelos homens da “boa sociedade” (os de família tradicional – as “pessoas”) evidenciam as sutilezas desse momento de transição em nossa sociedade (FAORO, 1988, p. 16-31).

Machado de Assis, lança luz sobre a dubiedade que caracteriza as relações sociais desse período ao relatar as manifestações cotidianas. Seus personagens revelam ora o novo ente social (o burguês emergente), que busca o reconhecimento nos cargos públicos (e na carreira política monopolizadas pelo estamento) ou no casamento com um membro da “boa sociedade”, ora a decadência do personagem central (o estamento, a “boa sociedade”), ridicularizando seus ornamentos e sua superficialidade.

O encontro entre o passado e o presente

O olhar machadiano revela um rico conjunto de reflexões sobre o homem e sua vida social, portanto, é legítimo reconhecer em Machado de Assis um pensador social. O principal traço de um pensamento – seja ele filosófico, científico ou social – reconhecido pela cultura ocidental, é a universalidade. Esse traço do pensamento pode ser vislumbrado na obra de Machado quando refletimos sobre sua atualidade. Muitas das particularidades da vida social brasileira do século XIX, retratadas na obra de Machado de Assis, podem ser reconhecidas em nossa contemporaneidade. Para atestar essa afirmação basta um olhar sobre algumas interpretações sociológicas do Brasil.

Florestan Fernandes, ao estudar o drama do negro no momento da formação do capitalismo no Brasil² (FERNANDES, 1978), lança luz sobre as ambigüidades presentes em nossas relações sociais. Essas ambigüidades expressam-se na manutenção, na nascente sociedade burguesa, de hábitos (formas de pensar e de agir) herdados da sociedade patriarcal e escravocrata. No âmbito legal e formal (das leis, da constituição) o negro foi tido como igual, mas na realidade, ou seja, na prática das relações sociais, na vida cotidiana, ele foi tratado de forma diferenciada, não conseguindo se equiparar ao branco. Fato que se evidencia na análise de Fernandes à medida que ele demonstra como o negro não conseguiu competir de forma eqüitativa com o branco no mercado de trabalho³, pois continuou sendo tratado como se ainda fosse escravo.

Na sociedade de classes nascente, o negro deveria permanecer no mesmo lugar de subordinação no qual sempre esteve na sociedade estamental e escravocrata, contentando-se com o papel (quase sempre de empregado) que o mundo moderno lhe reservara. Tratamento cínico e hipócrita, que deixa entrever a presença de traços da visão de mundo patriarcal e escravista no Brasil contemporâneo – visão de mundo registrada com maestria na obra de Machado de Assis.

Podemos, por meio dessa interpretação, perceber como a dissimulação, retratada por Machado, continuou a exercer um papel importante no processo

² Florestan procede em sua pesquisa combinando a análise sincrônica e diacrônica, utilizando-se da descrição e da interpretação dos fenômenos em duas seqüências cronológicas: a primeira parte abrange o período que vai de 1880 a 1930, a segunda parte compreende os anos de 1930 a 1960.

³ O negro, após a abolição da escravatura, não recebeu do Estado ou dos antigos senhores qualquer condição (como educação, por exemplo) para se preparar para o mundo do trabalho moderno. Dessa forma, ele não pôde competir com o branco, e as oportunidades a que teria direito foram revertidas em favor dos imigrantes (FERNANDES, 1978).

de formação do capitalismo no Brasil. Ao negro foi conferido o estatuto de igualdade, mas que não se concretizou em virtude de um tratamento racial diferenciado – resultante da atualização da visão de mundo tradicional e manifesto na forma de preconceito de cor, com o objetivo de manter intactas posições sociais fundamentadas no passado (FERNANDES, 1978).

O descompasso entre a norma e a lei, no entanto, foi negado e ocultado pelo “mito da democracia racial” – representação do Brasil como uma espécie de paraíso das relações raciais. Este mito serviu como dissimulação de um dos aspectos mais problemáticos da sociedade de classes que se formava no Brasil, a saber: a discriminação de uma parcela da população em uma ordem social que deveria basear-se na igualdade, pelo menos, em termos de competição. Por meio do “mito da democracia racial” realizou-se a burla da norma – a igualdade – e se ocultou os objetivos escusos das classes dominantes brasileiras – modernizar-se atualizando o passado no presente.

Outra interpretação sociológica interessante para se refletir sobre a atualidade da obra de Machado de Assis é a que afirma a permanência do patrimonialismo na vida pública brasileira e o vê como fator determinante do que seria, conforme essa visão, o nosso atraso. O principal expoente dessa interpretação no Brasil é Raymundo Faoro (1988) e (2000), para quem as instituições políticas brasileiras são corrompidas porque são tratadas pelos homens públicos como uma extensão de seus negócios particulares. Daí decorre uma enxurrada de vícios como as contratações de funcionários por critérios estranhos à competência, entre outros.

Machado de Assis revela no conjunto de sua obra as finuras dessa complexa trama entre os negócios públicos e os privados no Brasil. Basta um olhar sobre a vida social do Brasil contemporâneo para atestarmos a universalidade do olhar machadiano sobre a sociedade: o “medalhão” – figura que se nutre de obviedades e publicidade barata sobre si para farejar cargos e postos na vida social e para atingir o estatuto de “pessoa” – é uma figura atualíssima, que ganha vida na forma do alpinista social, do parasita, do arrivista:

De fato, existem medalhões em todos os domínios da vida social brasileira: na favela e no congresso; na arte e na política; na universidade e no futebol; entre policiais e ladrões. São as pessoas que podem ser chamadas de “homens”, “cobras”, “figuras”, “personagens”, etc. e que ocorrem em qualquer campo (DA MATTA, 1981, p. 159).

O “medalhão” impera na vida cotidiana e se expressa de forma eminente na carreira política. Esse fato pode ser constatado pela ausência ou fragilidade dos projetos políticos de nossos partidos. Os partidos políticos brasileiros, atualmente, representam mais um conjunto de homens que se unem para tirar vantagens pessoais da vida pública do que a expressão de ideias ou ideais coletivos presentes na sociedade. A constante mudança de partido ou de campo político, por parte de nossos políticos, em nome de interesses pessoais, atesta essa realidade.

Mas, o “medalhão” também pode ser uma figura menos eminente: há os medalhões menos polidos que alcançam postos nos diversos ramos da vida profissional mediante a troca de favores. Geralmente esses medalhões são contratados por indicações – critério tipicamente patrimonialista, oposto à seleção racional baseada no mérito por meio de critérios. Esse tipo de prática, característica das relações sociais do Brasil contemporâneo, é expressiva de uma sociedade que ainda cultua a forma, as obviedades e se desenrola em diversas hipocrisias e ambigüidades dissimulando a sua essência.

Se universalidade é um critério importante parte conferir estatuto a um pensamento, sem dúvida Machado de Assis merece ser considerado um pensador social, pois seu olhar irônico e pessimista revela, por meio da arte, traços importantes de nossa formação social – traços esses que contribuem para a compreensão da sociedade contemporânea e suas tergiversações ideológicas como formas de legitimação da dominação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Manuel Antônio. **Memórias de um sargento de milícias**. São Paulo: O Estado de São Paulo: Klick, 1997.

ASSIS, Machado de. **Iaiá Garcia**. São Paulo: Saraiva, s/d. (Coleção Jabuti, 39).

_____. **O alienista e outros contos**. São Paulo: Moderna, 1988. (Coleção Travessias).

_____. **Machado de Assis: crônicas escolhidas**. São Paulo: Ática, 1994.

_____. **Dom Casmurro**. São Paulo: Editora Abril, 2003(a).

_____. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Diadema: Prol, 2003(b).

CANDIDO, A. Dialética da malandragem. IN: **Revista do IEB**. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, USP, 1972.

COUTINHO, Afrânio. **A filosofia de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

FAORO, Raymundo. **Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1988.

_____. **Os donos do poder: a formação do patronato político brasileiro**. 10ª. ed. São Paulo: Globo, Publifolha, 2000, 2 v. (Grandes nomes do pensamento brasileiro).

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de Classes**. 3ª. ed. São Paulo: Ática, 1978, 2 v.

HUGO, Victor. **Os miseráveis**. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

MANNHEIM, Karl. **Ideologia e utopia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **Machado de Assis**. São Paulo: Ed. Nacional, 1936.

REALE, Miguel. **A filosofia na obra de Machado de Assis**. São Paulo: Pioneira, 1982.

